

mensal n.º 58 mar 2017 fundação josé saramago

eduardo laurenço

kalandraka natalia

livros que formam polezzo

era uma vez um rei devoto, um padre que queria voar

e uma mulher que
tinha poderes blimunda

4— editorial
**Dilma Rousseff e o ataque
à democracia**

5— Leituras
Sara Figueiredo Costa

10— Estante
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

16— *O Labirinto da Saudade*
Ricardo Viel

28— *Natalia Polezzo
Vozes quebrando o
silêncio*
Sara Figueiredo Costa

37— *A Casa da Andréa*
Andréa Zamorano

46— *Livros que formam*
Andreia Brites

52— *And The winner Is...*
Andreia Brites

53— *Visita Guiada
Kalandraka*
Andreia Brites

67— *Espelho Meu*
Andreia Brites

80— *Saramaguiana
Memorial do Convento*

82— Agenda

No dia 17 de abril de 2016 assistimos estarecidos à votação do processo de abertura de *Impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados do Brasil. Naquela noite, escancarado, à vista dos olhos de quem quisesse ver, tinha início o derrube de um governo legitimamente eleito, um golpe motivado por diversos motivos, nenhum deles relacionados com um suposto crime cometido.

Desde aquele dia, e na medida das nossas possibilidades, a Fundação José Saramago vem demonstrando o seu apoio a uma mulher cuja história de luta pela democracia e liberdade é reconhecida em todo o mundo.

Este mês de março, a convite da Casa do Brasil de Lisboa, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, da Fundação Inatel e da Fundação José Saramago, a Presidenta Dilma Rousseff esteve em Lisboa. Além de abrir o ciclo de Conferências do Trindade com a intervenção «Neoliberalismo, desigualdade, democracia sob ataque», a brasileira teve reuniões com várias entidades e um encontro com a comunicação social. Desde que em agosto do ano passado foi definitivamente afastada do cargo, Dilma Rousseff tem viajado pelo mundo para denunciar o «assalto à democracia» em curso no Brasil.

Dilma Rousseff e o ataque à democracia

A Fundação José Saramago acompanha com muita preocupação a situação política do Brasil e considera que a vinda da Presidenta foi um excelente momento para a ouvir e para demonstrar apoio a uma chefe de Estado que foi escolhida por mais de 54,5 milhões de votos para governar uma das maiores democracias do mundo. Em 1992, numa entrevista ao *Público*, José Saramago falou sobre os perigos das falsas democracias que têm instituições que, em tese, funcionam, mas que não representam a maioria da população.

«O grande mal que pode acontecer às democracias – e penso que todas elas sofrem em maior ou menor grau dessa doença – é viverem da aparência. Isto é, desde que funcionem os partidos, a liberdade de expressão, no seu sentido mais direto e imediato, o Governo, os tribunais, a chefia do Estado, desde que tudo isto pareça funcionar harmonicamente, e haja eleições e toda a gente vote, as pessoas preocupam-se

pouco com procedimentos gravemente antidemocráticos».

A Fundação José Saramago considera que a democracia brasileira vive um momento muito delicado em que o chefe de Estado que hoje governa o país, além de ter chegado ao cargo de forma ilegítima, não representa a vontade daqueles que em 2014 foram às urnas para escolher um projeto de nação.

Blimunda 58

março 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons



GONÇALO VIANA

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway

Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado

Monday to Saturday

10 s 18h 10 am to 6 pm

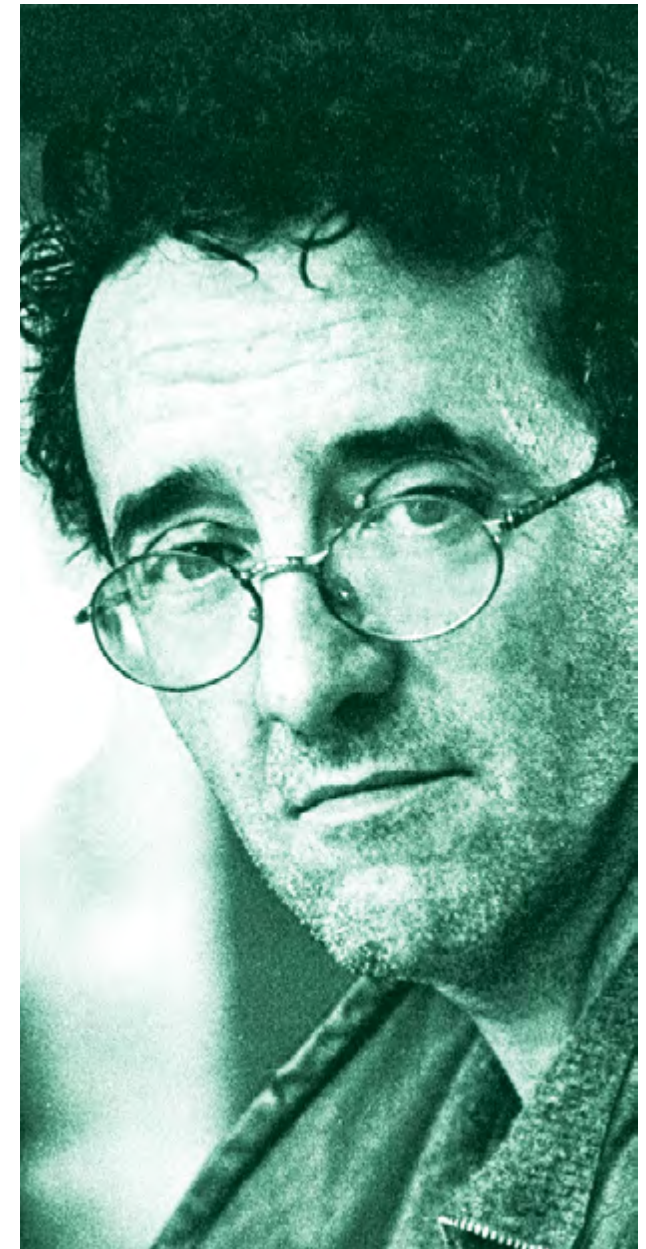
FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

REGRESSAR A BOLAÑO

Na revista on-line *Yaconic*, Iliana Pichardo assina um texto sobre Roberto Bolaño, o escritor chileno que revolucionou a literatura das últimas décadas, transformando-se num autor de culto com muito ainda por descobrir. «El destino de Bolaño era la literatura. Y él lo sabía: un escritor marginal que logra publicar en una editorial importante hasta los 43 años y ganar hasta 1998 el Premio Herralde, y al año siguiente el Rómulo Gallegos por su novela *Los detectives salvajes*. Una novela que hoy es comparada con *Rayuela*, de Julio Cortázar, o con *Adán Buenosayres*, de Leopoldo Marechal, dos obras mayores de la literatura latinoamericana. Lo que sorprende es que Bolaño escriba la gran novela de la Ciudad de México siendo un extranjero, lo que nos lleva a la pregunta: ¿qué tan extranjero se sentía Bolaño en México? Quizá no mucho. En su novela reconstruye a la perfección, a través de múltiples registros de voces, el habla chilanga, y utiliza como locaciones las calles y lugares que transitó: Bucareli,

el café La Habana, la colonia Guerrero, la Alameda, la Glorieta de Insurgentes, la colonia Condesa y azoteas de vecindad.» Roberto Bolaño foi reconhecido em vida, mas nunca teve a recepção crítica e de público que a sua morte prematura viria a trazer-lhe: «Irónicamente, con la muerte vino el mito. Varios hechos se suman a esta construcción. El primero: la muerte prematura de un autor que apenas llegaba a la cima. Con la traducción al inglés de *Los detectives salvajes*, los críticos de Estados Unidos lo transformaron en marca de la literatura latinoamericana, lo mejor que había sucedido desde *Cien años de soledad*.

En 2007 *The New York Times* y *The Washington Post* colocaron a la novela entre las 10 mejores del año; en 2008 su novela póstuma 2666 recibió el National Book Critics Award. La «bolañomanía» había tomado el norte del continente y sobrepasado límites y fronteras (*Los detectives salvajes* fue traducido al chino mandarín), tal como lo hizo su autor, un escritor que se sentía latinoamericano, que decía que



muchas pueden ser las patrias de un escritor, pero uno solo el pasaporte. Y esa era la calidad de la escritura.»



UM FAROL EM FORMA DE LIVRARIA

Na secção de crítica da revista Ñ, do jornal argentino *Clarín*, Alejandra Rodríguez Ballester escreve sobre um livro recentemente publicado na Argentina, *Mi maravillosa librería*, de Petra Hartlieb. A história que se conta nesse livro é autobiográfica e acompanha a aventura da autora e do seu marido em Viena, a partir do momento em que decidem comprar uma pequena livraria que estava para venda. «La vida comfortable de Petra y Oliver en Hamburgo –crítica literaria freelance, ella; empleado en el área de marketing de una editorial, él– se verá alterada luego de un viaje a Viena. Un comentario en una cena con amigos despierta su interés: una pequeña librería vienesa, bien ubicada, busca nuevo dueño. Ambos se entusiasman. Sin pensarlo mucho, presentan una oferta. Se trata de una librería tradicional con



vivienda en el piso superior. De manera que no solamente deberán mudarse de Hamburgo a Viena y renunciar Oliver a su empleo rentado, sino que a partir de ese momento el trabajo y la vida cotidiana se desarrollarán en un mismo espacio. En la narración de los comienzos, cuando sienten que están «jugando a ser comerciantes», abundan las anécdotas solidarias como la de una clienta que se queda a atender la librería mientras Petra busca a su hija en la escuela. Con el tiempo, va aumentando la clientela. La clave no parece residir en nuevas estrategias sino en el empeño puesto en lo más tradicional del oficio. Las noches sin dormir, la alternancia en el desvelo entre marido y mujer, también dan la pauta de que algunos sueños realizados pueden resultar agobiantes. Llegará también el día en que Petra se convertirá en escritora, en un proyecto a cuatro manos de tinte comercial planteado con liviandad.» Nem todas as histórias à volta de pequenas livrarias independentes acabam com as portas fechadas, ainda que seja precisa muita persistência para evitar esse desfecho.



CRÓNICAS QUE CONTAM O MUNDO

Uma das artes da crónica está na capacidade de transformar uma história banal, um episódio que ouvimos contar pela boca do vizinho, uma cena a que assistimos na rua e que tinha tudo para ser esquecida, num pedaço de prosa capaz de nos dar a ler as entranhas do mundo e da natureza humana. O jornalista Ricardo J. Rodrigues tem-no feito na *Notícias Magazine*, revista semanal que se publica com o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias*. Num dos textos mais recentes, conta a história de Gopal, um nepalês que estudou ciências políticas, emigrou para a Suíça, começou a lavar pratos num restaurante e acabou a trabalhar com sushi. Em Portugal, apaixonou-se pelo peixe da costa e considera ficar por cá, se os trâmites burocráticos da emigração não lhe trocarem as voltas. «Em janeiro, a sociedade lisboeta havia-se desfeito. Podia voltar para a Suíça, sabia que o lugar continuava à disposição. Mas Gopal tinha-se apaixonado pelo peixe desta

costa. E explicou-me o seu arrebatamento assim: “Os portugueses são os únicos que atiram o peixe para a grelha sem qualquer tempero. E têm razão: não é preciso inventar muito quando a qualidade é tão boa.” Para ser feliz, Gopal quer apenas isto: abrir o seu próprio espaço e vender sushi de peixe português. Mas precisa de um visto de residência e, para isso, tem de estar empregado. Tentou trabalhar em cozinhas, demitiu-se quando viu arroz carregado de vinagre, peixe cortado por carneiros. Há dias esteve na Trafaria e considerou seriamente a hipótese de se tornar pescador – e assim perceber o seu amor na origem. Mas tem um problema: não sabe nadar. Então, pela primeira vez desde que chegou a Portugal, o meu amigo nepalês vai ter de tornar-se emigrante, trabalhar com sacrifício, em algo que não goste, para depois poder continuar a cantar a sua paixão.» Há qualquer coisa de *O Velho e o Mar* nesta história e é o facto de ser contada de uma forma tão particular.





OS RESTOS DO IMPÉRIO

O que parecia um episódio destinado às maledicências velozes do Facebook acabou por transformar-se numa boa oportunidade para refletir sobre conceitos como a liberdade de expressão e a democracia, mas também sobre uma certa ideia de lusofonia, como se o presente não se alicerçasse numa herança com muito sangue. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa preparava-se para receber uma conferência de Jaime Nogueira Pinto intitulada “Populismo ou Democracia? O Brexit, Trump e Le Pen em debate”, que acabou cancelada por motivos que não ficaram claros desde o início, mas que entretanto se clarificaram. Na sua crónica do *Público*, Alexandra Lucas Coelho traça a cronologia dos acontecimentos e propõe algumas reflexões a partir de um episódio que os media transformaram noutra coisa: «Estudei na FCSH há 30 anos. Foi angustiante vê-la suspeita de censura, e lamento que não tenha sido mais clara de imediato. Isso teria impedido

a extrema-direita de se capitalizar como vítima, e a violência de penetrar. Fascistas, o ideal será que se enterrem sozinhos. É deixá-los falar, e para o que for crime há penas.» Das ideias de portugalidade propostas por quem organizava a conferência aos ecos do Império, vai um salto muito curto, que a autora propõe transformar em debate urgente: «Enquanto o presidente português tomar posse, como Marcelo há um ano, com mais um tributo aos “Descobrimentos” sem reconhecer os milhões de mortos e escravizados pelo império; enquanto o discurso público alimentar a irreflexão, e a incapacidade de um tributo mínimo aos apagados; enquanto a escola não falar do extermínio dos índios e dos seis milhões levados de África, mais os que depois morreram na guerra colonial, o essencial continuará por discutir. Que tal a FCSH, onde circula tanto pensamento pós-colonial, ser anfitriã de um grande debate público sobre Portugal e o império?»







Dez anos após sua publicação,
UM DEFEITO DE COR nos ajuda muito a
pensar o Brasil atual. Protagonizado por
uma mulher negra que fala em primeira
pessoa, o romance de Ana Maria Gonçalves
trabalha todos os silêncios impostos a
pessoas negras em um país ainda regido
pela falsa ideia de “democracia racial”.

PERNAMBUCO

*Um jornal de Literatura e reflexões
sobre o contemporâneo*

www.suplementopernambuco.com.br

 /suplementopernambuco

   /suplementope



SARA FIGUEIREDO COSTA

ANDREIA BRITES



Mal-Parado

Pedro Mexia
Tinta da China

Pedro Mexia regressa aos livros com a publicação de um novo volume dos seus diários, num registo que tem vindo a cultivar em livros como *Prova de Vida*, *Estado Civil* e *Lei Seca*. O falso diário, que questiona as fronteiras entre o registo confessional e a ficção, traz de volta uma espécie de persona que parece circular entre o espaço público e a intimidade da escrita, sempre num tom que coloca estes textos na melhor tradição diarística da literatura portuguesa. SFC



Arquipélago das Galápagos ou As Ilhas Encantadas

Charles Darwin e Herman Melville
Relógio d'Água

Ficção e não ficção lado a lado, dando a ler duas visões complementares sobre um mesmo lugar: o arquipélago das Galápagos. Este livro reúne um capítulo de *A Viagem do Beagle*, de Darwin, e o texto *As Ilhas Encantadas*, de Melville, ambos dedicados às ilhas que ajudaram a estruturar a teoria da evolução das espécies com que Darwin mudou para sempre a nossa conceção do mundo e da sua evolução. SFC



America Alucinada

Betina González
Tusquets

O novo romance da autora argentina cruza três personagens e as respectivas narrativas, propondo um olhar fragmentado sobre o mundo e um escape possível para outras formas de viver nele. Numa cidade sem nome, alguns jovens decidem abandonar quase tudo e partir para os bosques, fazendo ecoar Thoreau num cenário que se aproxima do apocalipse moral e que é, afinal, uma reflexão sobre a sociedade em que vivemos. SFC



Mensur

Rafael Coutinho
Companhia das Letras

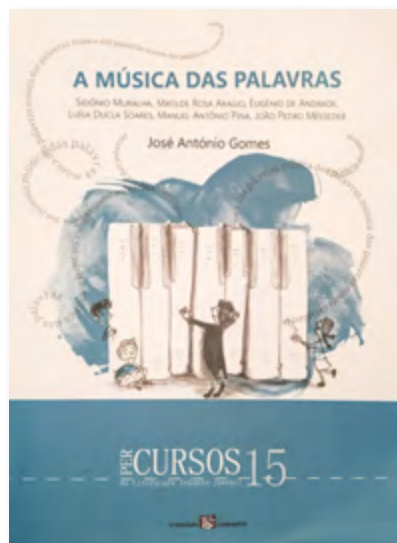
Depois de *Cachalote*, em parceria com Daniel Galera, Rafael Coutinho regressa à banda desenhada de grande fôlego com a história de um andarilho que percorre o Brasil, entre trabalhos curtos e aventuras. Gringo, o andarilho, é também um dos últimos praticantes do mensur, uma luta de espadas vinda da Alemanha medieval, algo que definirá a narrativa de um modo surpreendente. SFC



O Livro Sagrado da Factologia

Rui Zink
Teodolito

O novo romance de Rui Zink promete, de acordo com nota da editora, responder «à mais crucial questão do século XXI. A saber: o futuro vai ser bem ou mal passado?» Na sequência de uma tetralogia que refletia sobre a contemporaneidade, e onde os medos, as teorias da conspiração e os muitos absurdos que nos ensombram os dias assumiam destaque, *O Livro Sagrado da Factologia* tem na religião matéria para novas reflexões. SFC



A música das palavras

José António Gomes
Tropelias & Cp^a.

Neste volume reúnem-se as intervenções de José António Gomes nas cinco edições de «A Música das Palavras», um encontro anual com crianças e adultos em torno da poesia de um autor. Esta iniciativa foi concebida por Inês Vila, responsável pela Biblioteca Municipal de Ílhavo e o livro contextualiza o projeto, apresenta textos sobre cada um dos autores trabalhados e a sua relação com as sessões musicais. AB



Sou o Lince-Ibérico

Maria João Freitas
Tiago Albuquerque e Nádia Albuquerque
INCM

Este é o primeiro volume editado pela INCM que visa dar a conhecer e proteger espécies ameaçadas, como é o caso do lince-ibérico. O livro informativo ilustrado usa a voz do protagonista para explicar o seu modo de vida e o que o ameaça. No final, apresenta-se a moeda comemorativa cujo valor de venda também contribuirá para o Fundo Ambiental. O registo objetivo e científico do texto e a ilustração estilizada conferem à obra um tom escorreito e acessível. AB



O rosto da avó

Simona Ciralo
Orfeu Negro

Simona Ciralo regressa ao tema dos afetos, neste álbum sobre a memória. Uma neta perspicaz questiona a avó acerca da sua expressão melancólica em dia de aniversário. A resposta da avó dá lugar a um jogo de recordações que valoriza as recordações afetivas e a velhice como experiência e narrativa de partilhas. A ilustração, plena de detalhes que configuram o espaço como lugar de intimidade e harmonia, contribui para esse sentido emocional do livro. AB

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**



mART



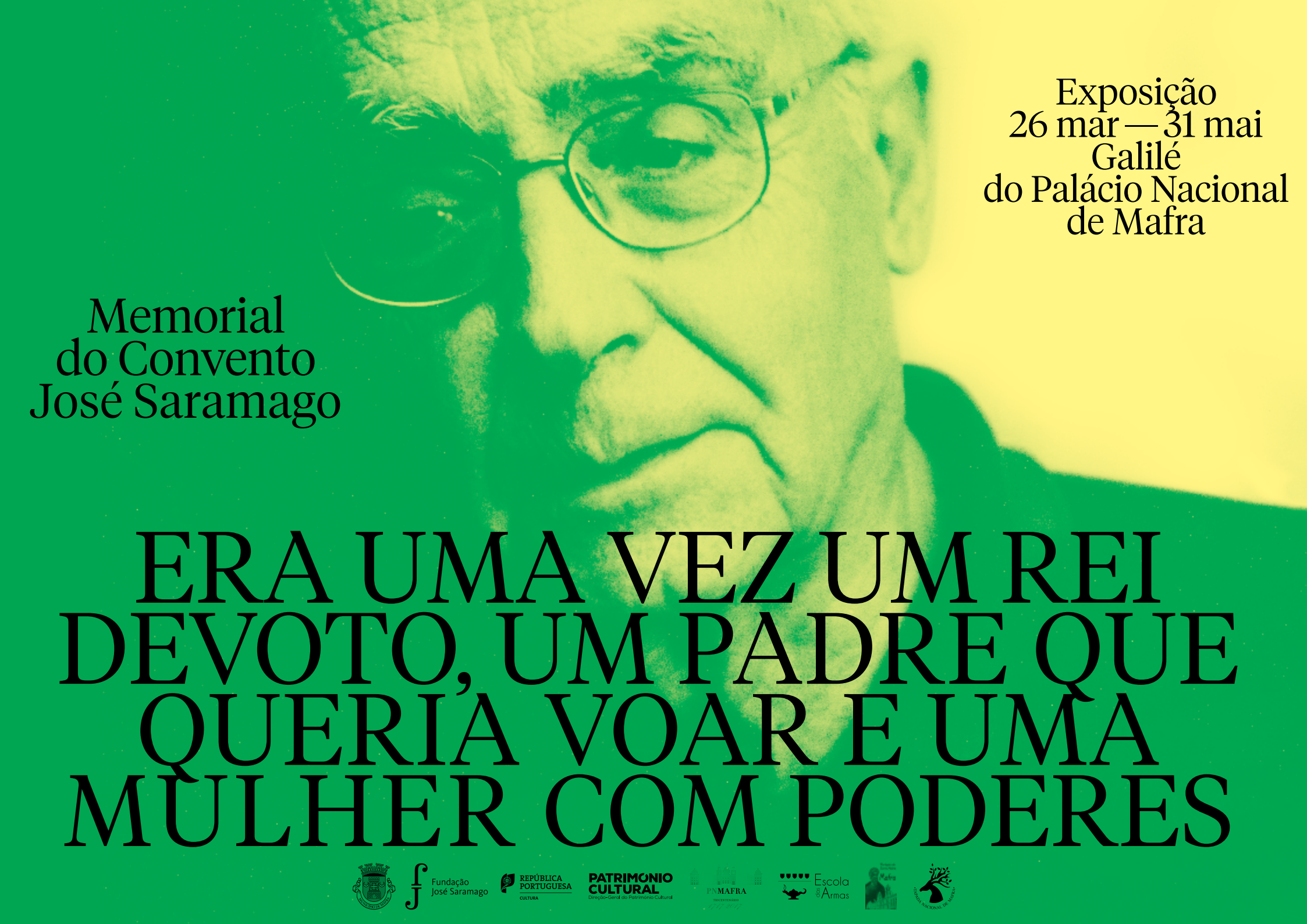
Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT





Exposição
26 mar — 31 mai
Galilé
do Palácio Nacional
de Mafra

Memorial
do Convento
José Saramago

ERA UMA VEZ UM REI
DEVOTO, UM PADRE QUE
QUERIA VOAR E UMA
MULHER COM PODERES



**O labi-
rinto da
saída
de**

**Eduardo
— Lou-
renço**

**RICARDO
VIEL**

**o
filme**

Era uma noite de celebração. Tanto que Eduardo Lourenço, 93 anos, abstémio empedernido, acabou por dar um gole num copo de cerveja artesanal, para espanto do irmão, da cunhada e dos amigos que testemunharam a cena. «Gostei, muito boa. Acho que vou substituir a Coca-Cola por isto», anunciou. Minutos depois

esquartejou o bolo de chocolate onde se lia, em letras desenhadas com creme, a frase: O labirinto da saudade. Enquanto se repartia a sobremesa, Eduardo Lourenço fez um breve discurso. «Foram dias fora do mundo, uma semana onírica. Muito obrigado a todos. Espero estar vivo para assistir ao filme», disse visivelmente emocionado.

Durante dez dias o Professor conviveu, num hotel na Serra do Buçaco, Centro de Portugal, com uma equipa de cerca de 20 pessoas que estavam a filmar um documentário sobre a vida e o pensamento do maior intelectual português vivo, o homem que melhor traduziu a alma portuguesa, este senhor que agora caminha com passos curtos e cabeça levemente tombada em direção ao elevador após a confraternização pelo final das gravações.

O título do filme é o mesmo do ensaio publicado por Lourenço em 1978, o livro mais conhecido do intelectual e que serviu como ponto de partida para a longa-metragem. A ideia de se fazer este documentário nasceu há cinco anos, conta Vasco Sequeira, da produtora Long Shot. Há cerca de um ano conseguiu reunir financiadores privados para o projeto e começou as conversas com o realizador Miguel Gonçalves Mendes (autor de *José e Pilar*). Orçado em 200 mil euros, o filme tem estreia prevista para setembro. O objetivo da produtora é que *O labirinto da saudade* não se destine apenas ao público «intelectualizado», mas que chegue a outras camadas da população, seja exibido no circuito comercial das salas de cinema e viaje para outros países.

Nestes dias de filmagens vários amigos de Eduardo Lourenço, como Álvaro Siza Vieira, José Carlos de Vasconcelos, Pilar de Ró, Gonçalo M. Tavares, Gregório Duvivier, Adriana Calcanhotto e Lúcia Jorge, passaram pelo hotel para contracenar com o nonagenário. Embora se trate de um documentário, a equipa que concebeu o filme apostou num ambiente em que o cenário e o figurino fogem da fórmula previsível para um documento sobre um pensador. Desta vez não haverá bibliotecas nem atores que lêem fragmentos de obras.

Um monge, uma telefonista e um barman

Na manhã deste último dia de filmagens, vestida com um traje de telefonista, Lúcia Jorge desce as escadas do hotel e vem em direção ao amigo: «Eduardo, só por si!», diz e aponta para a roupa que leva. Como foi que Miguel Gonçalves Mendes conseguiu convencê-la a fazer de telefonista? Da mesma maneira que levou Siza Vieira a encarnar o papel de um barman ou, no caso de José Carlos de Vasconcelos, de um monge. E como foi? Ninguém sabe.

Não é muito difícil imaginar as dificuldades de gravar com uma pessoa de 93 anos, mas Eduardo Lourenço leva com bom humor e simpatia a tarefa. «Quer descansar um pouco, Professor?», aponta um dos assistentes para uma cadeira, enquanto a luz é ajustada. «Descansar? Mas se há dez dias eu só descanso? Não fiz nada.» O tempo passa, são 14h45 e ainda não foi feita a pausa para o almoço, a cena é repetida uma e outra vez, e o Professor cochicha para uma Pilar del Río vestida de Tentação. «É complicado, nunca está bom. É preciso paciência.»

A ideia de Miguel Gonçalves Mendes é fazer com que Eduardo Lourenço interaja da maneira mais natural possível com os seus amigos e que isso sirva para que o pensador reflita sobre assuntos como o iberismo, a relação com o Brasil, a história do império português, a poesia de Fernando Pessoa e Luís de Camões e outros assuntos que analisou durante toda a sua vida. Para tanto, ainda que o cenário e os figurinos estejam preparados e programados, o guião está aberto ao improviso e ao imprevisto. Muitas vezes o Professor não sabe o que vai acontecer até ao momento de gravar a cena e pode ser surpreendido, por exemplo, com um áudio, uma imagem ou um ques-

tionamento que provoque as suas reflexões. Durante as filmagens é comum que o realizador, após explicar aos protagonistas o sentido daquele fragmento, finalize com a frase: «Diga o que melhor lhe parecer» ou «Termine como achar melhor».

Dose dupla

A equipa acerta os últimos detalhes para gravar uma cena num dos corredores do hotel. «Como é o nome desta senhora? Ela é o que?», pergunta o Professor, com um caderninho na mão para anotar a resposta. «Lídia Jorge, ela é escritora», responde o assistente de produção. Estará, aos 93 anos, a prodigiosa e invejável memória de Eduardo Lourenço começando a falhar? Não. Na realidade quem fazia a pergunta era Fernando Carvalho, 71, o duplo do protagonista do filme. Figurante profissional, o ex-agente de viagens recebeu a incumbência de substituir Eduardo Lourenço nas marcações de cena e nas participações mais «exigentes» (como subir escadas ou estar em pé vários minutos) em que o rosto do intelectual não aparece. «Eu sou uma cópia dele, tenho que tentar



PRODUCTION LONGSHOT

DIR. FOTOGRAFIA
GONÇALVES MENDES LEE FUZETA

SCENE

1/1

TAKE

5

ROLL

B# 011

D# 006

CAM A

INT.

CAM B

TE

O LABIRINTO DA SAUDADE













No interior da sua mente, Eduardo revisita memórias, amigos já desaparecidos, ideias e conceitos que nos transportam para a eterna pergunta: afinal o que é Portugal quando, tal como como o próprio Eduardo refere, a «história é a ficção das ficções».

Miguel Gonçalves Mendes

imitá-lo, inclusive no jeito de andar. Aquilo que ele não pode fazer eu faço», conta radiante o «senhor Fernando», como foi apelidado pelas produções. «Gostei muito de conviver com o Professor, ele está sempre muito bem disposto. Nem tenho palavras para dizer como foram agradáveis estes dias». Levará para casa fotos com o seu original e um livro, em francês, autografado. «Ele trabalha melhor do que o original», dizia Lourenço diante do seu duplo.

Quem não ficou tão feliz com a ideia de ter um duplo foi José Carlos de Vasconcelos. Numa das cenas, o monge aparece dentro de um barquinho a remos num pequeno lago. Para não colocarem o jornalista na água usaram um figurante. O problema é que, na opinião de Vasconcelos, a barriga do sósia, feita de espuma, era muito grande. «Até agora não sabia que a minha barriga se destacava tanto, vou ter que entrar num dieta», queixou-se, meio a brincar meio a sério, para os amigos.

Um raio

São 9h30 da manhã da sexta-feira dia 10 de março e Eduardo Lourenço tem diante de si, na mesa do hotel, um prato de bacon e ovos mexidos, além de uma generosa chávena de leite com chocolate. Findo o pequeno-almoço, procede à despedida da «turma». Abraços e palmadinhas nas costas às dezenas, mas sente a falta de Sabrina, uma das responsáveis pelo argumento do filme e que também participa na longa-metragem. O guião falava de «um vulto feminino» que aparecia em algumas cenas. Em princípio quem faria a personagem era uma atriz, mas devido à boa química entre Lourenço e Sabrina optou-se por ela para o papel. Teria o Professor ficado encantado com a jovem amiga? «Fiquei mais do que encantado. É uma rapariga linda como um raio, era como um anjo que passava», divaga. «Acho que nunca vi uma rapariga tão suave, e olha que sou velho. Muito elegante, como uma flor. E sabe muito de cinema». Desapontado, Eduardo Lourenço tem de partir sem dizer adeus à nova amiga. Não faz mal, em setembro, quando estrear o filme, reencontrar-se-ão.

Natalia Borges Po- lesso

entrevis-
ta de
Sara Fi-
gueiredo
Costa

vozes quebran- do o si- lêncio

Antes de *Amora* ter vencido o Prémio Jabuti 2016 na categoria de Contos, Natalia Borges Polessso já tinha publicado *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (Modelo de Nuvem, 2013) e *Coração à corda* (Patuá, 2015). Nascida em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, em 1981, a autora tem vindo a construir um percurso singular na literatura brasileira, assumindo paulatinamente um lugar onde literatura, linguagem e política – no sentido etimológico do termo – se cruzam de modo intenso.



Amora (Não Editora, 2016) é um livro sobre relações humanas, sobre como vamos vivendo, sobre desejos, descobertas, perdas, paixões. É um livro sobre a vida e o modo como escolhemos vivê-la. Que as personagens dos contos que o compõem sejam todas mulheres e homossexuais será mais do que um detalhe, claro, mas não deve bastar para que se arrume *Amora* numa prateleira isolada, como se um topos literário fosse uma fronteira forrada a arame farpado. Convidada do Rota das Letras – Festival Literário de Macau deste ano, Natalia Borges Polezzo conversou com a *Blimunda* sobre a génese deste livro e sobre como a visibilidade é importante, também na literatura.

Os contos que compõem *Amora* apresentam uma galeria de personagens muito diversa, gente de todas as idades e condições sociais. São personagens muito trabalhadas do ponto de vista da caracterização psicológica que acabam por oferecer um olhar plural sobre os inúmeros modos possíveis de viver afetos, amores e alguns desesperos. Em comum, o facto de todas as personagens principais serem mulheres que se relacionam com outras mulheres. «Primeiramente, houve o desejo de escrever sobre uma coisa que para mim é importante, porque é o modo como eu me relaciono com o mun-

do. Por isso digo que há duas escolhas na feitura do *Amora*. Há uma escolha estética, que passou por construir essas personagens de modo a sensibilizar, a inseri-las nesse contexto maior, e realmente tem uma preocupação de construir essas personagens e as suas relações em várias etapas da vida, justamente para sensibilizar. Depois da publicação, surgiram as primeiras críticas e acho que a primeira foi numa publicação feminista. Aí já se levantava uma bandeira, se dizia que era literatura lésbica. Comecei a perceber que era importante que eu me manifestasse nesse sentido e aí já temos uma escolha fora do livro, de posicionamento político e social. Então, houve um encontro dessas duas coisas.»

Um bom gatilho para criar histórias

Em vários contos de *Amora*, a necessidade que as personagens sentem de esconderem a sua homossexualidade não é apenas um registo dos preconceitos sociais, no Brasil e no mundo, mas igualmente um poderoso gatilho narrativo, às vezes acentuado por um certo humor, outras pela declinação de diferentes situações dramáticas. «O facto de ter de esconder, ou de esconder pelo menos até certo ponto da sua

vida, ainda é uma questão para as pessoas que são homossexuais. Chega um momento em que você se questiona se é ou não e como isso vai ser visto pelas outras pessoas, como o assumir-se, ou o arriscar-se, vai ser entendido e como isso muda a sua relação com o mundo. Porque muda. Dependendo de onde você está, pode mudar completamente. Por assumir, você está correndo um certo risco, porque a gente não sabe, nem na instância mais próxima, que é a familiar, nem na dos amigos, na universidade... Para mim foi mais fácil, porque creio que o ambiente das letras e das artes é um ambiente um pouco mais aberto, mas nem sempre é assim. E a gente acaba ouvindo coisas... Já tive amigas que disseram, quando eu contei, «ah, mas você não parece gay». O que tem de parecer? Enfim, todas as coisas que eu ouvi e que me foram relatadas por outras pessoas me pareceram bons gatilhos para criar histórias.» Em «Minha prima está na cidade», um dos contos de *Amora*, essa necessidade de esconder o que se é acaba por denunciar o desconforto sentido em algures locais de trabalho quando o assunto é a vida doméstica e toda a gente espera descrições de jantares de família com a cara metade, obviamente do sexo oposto. E no conto

«Flor, flores, ferro retorcido», o foco não é tanto na decisão própria de esconder uma faceta tão importante da identidade individual, mas antes no modo como os outros parecem, por vezes, querer ignorar o facto, fingindo não reconhecer a homossexualidade de alguém ao mesmo tempo que fazem dela motivo de chacota. No centro da narrativa, uma criança ouve a mãe referir-se a uma vizinha como «machorra» e, não fazendo ideia do significado da palavra, vai fazendo perguntas que ficam sem resposta e inventando respostas à medida que a sua curiosidade aumenta. «Esse conto, com essa perspectiva infantil, dá margem para você ser um pouco maldosa, até, na utilização desses estereótipos sem cair num julgamento, porque, afinal, são duas crianças conversando. Então, ele dá essa margem para você usar isso de maneira irreverente, sem ser preconceituosa. Foi uma boa maneira que eu encontrei de falar sobre a questão dos estereótipos.»

Engajar o leitor pelo riso

Uma das ferramentas utilizadas por Natalia Borges Poleso na construção das suas narrativas é o humor, não exata-

mente o do riso desbragado, mas antes um modo minucioso de encontrar algumas situações ridículas no trato quotidiano das personagens, um olhar irónico sobre certas convenções, um apontar sarcástico sobre a comédia de enganos que pode ser a vida de uma mulher homossexual em tempos que todos quereríamos julgar mais desempoeirados.

«A verdade é que eu sou assim. Gosto de rir, tenho aquele senso de humor mais ácido, que perde o amigo mas não perde a piada. Enfim, dentro da criação dos personagens me pareceu uma boa sacada fazer esse tipo de inserção humorística, porque isso também torna o texto mais leve. Você engaja o leitor pelo riso: ria comigo disso aqui, porque isso pode ser uma questão para a gente pensar juntos e achar graça, talvez. Então, acho que a minha relação com o riso e com esse tipo de humor é uma questão mais pessoal e que agora, com esses textos do *Amora*, eu consegui uma maneira de trabalhar isso melhor do que, por exemplo, em *Recortes para álbum de fotografia sem gente*.»

Para além do género feminino e da homossexualidade, as personagens de *Amora* partilham o traço comum da sua complexidade psicológica. A construção de cada uma destas personagens deixa perceber a minúcia a que Natalia Borges

Polesso se dedicou para alcançar um conjunto de personagens que nada têm de plano e onde os conflitos internos, as dúvidas e as decisões mais ou menos refletidas assumem uma parte muito importante no jogo narrativo. «Primeiramente, passei muito tempo com essas mulheres, pensando em como elas seriam. Tentei pensar em como agiriam na questão da idade, de onde viriam, que situação familiar ou de trabalho teriam, como se relacionariam com as pessoas e o mundo. Dessa forma, ficou um pouco mais fácil perceber em que aspeto psicológico eu trabalharia. Por exemplo, em «Os demônios de Renfield» há a pessoa que tem um problema sério de depressão, noutro tem a menina que vai ao psiquiatra, noutro tem duas pessoas que passaram a vida toda juntas... Então, as personagens ficaram muito marcadas para mim e eu passei a pensar nelas fora da escrita, a pensar muito. Até ao momento em que essas personagens ganham vida. Aí elas começam a te dizer coisas, como elas resolveriam aqueles problemas, como agiriam. Acho que foi isso, pensar nas personagens e na sua complexidade um pouco fora do livro, para depois deixar vazar no livro algumas coisas, mas criar essas personagens como entidades fora do livro também.»

Minúcias tornam o texto mais delicado

A credibilidade profunda de cada uma das personagens deve muito à atenção dada aos pequenos detalhes do comportamento e ao modo como se procura refletir o pensamento, desordenado e múltiplo, que vai norteando cada gesto. De certa forma, o trabalho de linguagem de cada um destes contos assenta num registo que deve quase tudo à vontade de mostrar a imensidão de ligações neuronais por detrás das decisões, por vezes banais, que tomamos a cada momento, sejam elas um gesto ou um movimento quotidiano, ou a escolha que definirá o rumo de uma vida. «Marcadores de realidade não me interessam muito, mas essas minúcias do texto, sim, elas é que tornam um texto mais delicado. Para mim, isso é sinónimo de delicadeza e no meu processo isso interessa muito, porque quando você está escrevendo uma história e foca em alguma coisa pequena, algum gesto, alguma ação que parece muito insignificante, para mim ela tem de significar alguma coisa maior. Dessa forma você não vai contar para o seu leitor o que está acontecendo mas, de alguma forma mais poética, é por contar uma cena através desses detalhes, dessas minúcias, que o teu leitor vai entender e

conseguir interpretar o acontecimento, ou pelo menos ter alguma pista. Para a minha escrita isso é importante, tanto os encontros mais inusitados de palavras ou imagens como as desordens na cronologia.»

No conto «O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado», essa descontinuidade narrativa assume-se como estrutura, alternando entre momentos que aparentemente não são causa e consequência – a descoberta e resolução de um problema cardíaco por parte da narradora, o encontro com uma mulher que decidiu envolver-se com a narradora, o momento em que o envolvimento acontece realmente – e criando uma narrativa que vai experimentando os seus próprios limites até construir uma teia de relações. «Esse livro foi pensado durante os anos em que estava fazendo o doutorado [em teoria da literatura]. A PUC tem um curso de escrita criativa, que não é a minha linha – eu fiz teoria da literatura –, mas por escrever e ter feito amigos que eram da escrita criativa, acabei fazendo algumas aulas e integrando alguns grupos onde discutíamos muito os processos de escrita, os narradores, as diversas maneiras de abordar um texto. Para mim, isso começou a se tornar um ótimo exercício, perceber como posso fazer isso sem ser

de maneira linear. Esses textos são um pouco uma ousadia de tentar fazer um exercício que nos meus outros livros não havia. Pessoalmente, acho que fiz um trabalho legal, talvez até um pouco demasiado, porque me empolguei na hora de pensar nesses narradores, que começavam uma história no presente e depois mudavam...»

Refletir sobre os preconceitos

A diversidade das personagens leva a crer que houve alguma premeditação no momento de as desenhar, quase criando um catálogo que abarcasse diferentes idades, estilos de vida e temas abordados. No início, Natalia Borges Polesso confessa que teve essa tentação: «Muitas destas histórias, ou algumas, partem de memórias de infância, outras são histórias que me contaram, mas todas são ficção, ainda que algumas tenham sido completamente ficcionalizadas e outras não. No primeiro momento, tive a preocupação de destruir alguns estereótipos, como que querendo afirmar que estamos aqui, que há pessoas em todos os lugares, fazendo todo o tipo de coisas... Pensei quase que numa tabela, mas depois isso se tornou irrelevante, porque comecei a perceber que as

histórias eram bastante diferentes. Não era necessário usar a tal tabela, mas a preocupação foi válida, porque se você tem um livro de contos em que todas as personagens são mulheres e todas são homossexuais, tem de ter um certo cuidado para não cair nas mesmas histórias. Quando a gente procura algumas coisas sobre literatura que tem esse epíteto de lésbica, você encontra geralmente histórias mais erotizadas, ou histórias de primeiras vezes, ou que envolvem sexo, e isso era uma coisa de que eu queria fugir, não era o meu foco principal.»

Amora não é um livro didático, informativo ou panfletário e a sua estrutura basilar é a literatura e o trabalho da linguagem. Apesar disso, a referência a temas que relacionam a homossexualidade com a sua percepção social e cultural é abundante e um bom campo para se refletir sobre preconceitos. «Veja bem como as histórias também dão a oportunidade de trabalhar esses assuntos. Por exemplo, no «Vó, a Senhora é Lésbica?», a gente tem duas histórias, a da Tia Carolina com a avó, e a da Joana e da Taís, bem diferente. [Joana vê-se atirada para fora do armário por um comentário do primo, que acaba por reclamar da avó uma resposta sobre se ela própria é homossexual, como se suspeita.] No entanto,

as duas se uniam por uma espécie de receio de assumir e, no final, se percebe que para a Joana seria muito mais fácil do que foi durante toda a vida para a sua avó.” Curiosamente, neste conto onde se encontram duas gerações, Joana parece estar mais atrapalhada com a revelação forçada do que a sua avó. «É, mas é para o leitor ter essa sensação de choque, para ter a surpresa junto. Como que para ela não está sendo fácil? Deveria ser, mas ao mesmo tempo ela fica muito atrapalhada.» Num outro conto, «As tias», a questão central é a da impossibilidade do casamento entre duas mulheres, algo que já mudou em alguns estados e que terá forçosamente de mudar nos restantes, com a recente alteração na letra da lei que define o casamento como um contrato entre «duas pessoas» e já não «entre um homem e uma mulher». Como explica Natalia Borges Polezzo, a ideia deste conto era provocar a reflexão sobre o tema «através de um problema que as pessoas às vezes não chegam a pensar e que é uma coisa muito simples. Por que é que os homossexuais querem casar? Tem gente que chama de privilégio. Obviamente, o mais certo é chamar de direitos iguais, porque privilégios é muito louco... As pessoas ficam-se questionando, por que querem essas convenções? É uma coisa muito simples: porque isso

garante direitos. Nesse conto, a companheira não poderia ir ao hospital, não poderia ficar cuidando da sua esposa. Parece muito pequeno mas realmente é muito grande. E você não pode, porque você não é família.»

Trabalhar no campo da distopia

Com a atribuição do Prémio Jabuti na categoria de Contos, em 2016, Natalia Borges Polezzo viu o seu nome ganhar espaço num território habitualmente povoado por autores, homens, e onde predominam as personagens masculinas. «O meu primeiro livro foi editado por uma casa de edição muito pequena, com distribuição muito local, por isso ele ficou um pouco restrito de acesso, mesmo vendendo na internet. O *Amora* ganhou o Jabuti e outros prémios, o Açorianos, que o *Recortes para álbum de fotografia sem gente* já tinha ganho, e o Jabuti na categoria de Escolha do Público. Talvez por causa do tema, dessa necessidade de um protagonismo feminino, que eu acho que até sobressai em relação ao protagonismo lésbico, quando saiu a indicação do prémio ele já estava quase esgotado. Era uma edição de mil, o que para o Brasil é grande, e já havia uma grande procura.

Acredito que tenha sido pelo tema, pela divulgação que os jornalistas fizeram do tema e a publicidade que a comunidade LGBTQ fez. Com o prémio, isso tomou uma proporção que eu não imaginava que teria. Um dia vi numa foto do programa *Leia Mulheres* que o meu livro estava sendo lido em diversos lugares, o que me deixou muito contente. Mesmo antes do prémio, já recebia bastantes emails de pessoas fazendo perguntas, querendo entrevistas, e a coisa foi crescendo aos poucos por aí. A distribuição desta editora [a Não Editora] já tem uma amplitude nacional, o que ajuda muito, e tem uma versão de *ebook*, o que ajuda muito mais, então acho que são vários fatores que se somam. E o prémio, ele é uma vitrine, isso é indiscutível. Você tem um respaldo crítico e tem essa vitrine mais mediática, para os leitores, para o público, então é uma soma de fatores. Pessoalmente, claro que eu fiquei muito contente. Fizemos uma festa em casa... Na verdade, quando foi a indicação dos finalistas, eu já fiz uma festa, porque já estava muito bom.» Afinal, ainda ficaria melhor. Para o futuro mais próximo, Natalia Borges Polesso está a trabalhar num romance: «Quer dizer, no momento não estou conseguindo trabalhar, porque estou fora de casa desde o fim de fevereiro... Nesse momento estou pensando

na personagem, uma mulher que escreveu um tratado de filosofia, então toda a questão é como isso aconteceu, o que aconteceu no mundo para que uma mulher fosse reconhecida dessa forma. Face à nossa realidade atual, trabalhar uma coisa no campo da distopia me parece uma escolha mais acertada.»

FOTOGRAFIAS
EDUARDO MARTINS/FESTIVAL
LITERÁRIO DE MACAU

A CASA DA ANDRÉA

BERLIM-UM TÓNICO DEMOCRÁTICO

ANDRÉA ZAMORANO

• BERLIN •

A CASA DA ANDRÉA

Não precisei andar mais do que dois quilómetros de bicicleta para chegar a Bernauer Straße naquele domingo. Não precisei andar mais do que dois metros para me aproximar do primeiro local onde se lia numa placa de bronze: 25.09.61 «Fluchtversuch und Festnahme; Wilfried K» ou «Tentativa de fuga e prisão; Wilfried K.» Não precisei mais do que aquela leitura para ser avassalada por uma fragilidade.

Era difícil acreditar que ali tivesse existido um muro que primeiro dividiu as famílias, depois a cidade, o país e que terminou por dividir o mundo inteiro. Ainda mais obscura foi a tentativa de compreensão do que levou alguém a formar um governo que privou os seus concidadãos dos mais básicos direitos humanos. Da primeira vez que estive em Berlim, há dezoito anos, os meus sentimentos pela cidade foram vinculados pela incredulidade e pelo horror. Não é possível ser-se indiferente a tudo o que aconteceu naquele local durante o século xx.

Em 1999, dez anos depois de A Queda do Muro, estávamos convencidos de que a lição fora aprendida: o mundo não regressaria a um sistema que colocasse em causa o valor supremo das recentes democracias. Naquela altura, parecia inimaginável a

possibilidade de num futuro próximo serem eleitos governos que – outra vez – promovessem a perseguição religiosa ou pusessem em causa a liberdade de imprensa e as liberdades individuais em nome da salvaguarda nacional. Não na Europa, não nos Estados Unidos, aquele passado ignóbil nunca mais. O novo milénio estava à porta e era promissor.

Ainda se respirava de alívio pelo fim da Guerra Fria; no entanto, o capitalismo, euforicamente celebrado e necessariamente atrelado aos sistemas democráticos, já acusava o desapontamento. Nunca compreendi a estranha relação de contradição entre os dois sistemas. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos «o capitalismo só se sente seguro se governado por quem tem capital ou se identifica com as suas "necessidades", enquanto a democracia é o governo das maiorias que nem têm capital nem razões para se identificar com as "necessidades" do capitalismo, bem pelo contrário.»

Quando regressei a Berlim, na semana passada, os meus sentimentos já não foram de incredulidade e horror, como há dezoitos anos, mas de credulidade e pavor. Tudo me pareceu de novo possível. A ganância nos trouxe até onde nos encontramos hoje. A democracia foi corrompida.

A CASA DA ANDRÉA

Aliados num consórcio de interesses com as grandes corporações e os bancos, servindo aos imperativos das plutocracias ao invés de zelarem pela coisa pública, os políticos têm delapidado a democracia. Escândalos de corrupção e de promiscuidade sucedem-se um pouco por todo o mundo. Políticos, banqueiros e grandes empresários, quase sempre saem impunes das acusações que lhes são feitas. Eventuais condenações de exceção são obtidas, confirmando a regra geral.

Daí o esvaziamento das urnas, a falta de apetência do cidadão que sabe que pouco ou nada mudará num contexto de ambição desmedida dos vários governos oligárquicos que legitimam os lobbies e praticam descaradamente o nepotismo. O cidadão – também conhecido por consumidor – desistiu dos políticos que fazem eternas promessas que ficam por cumprir. Talvez, por tudo isso, muitos de nós se recusem a nos reconhecer nessa forma de democracia depreciada ou, como diria José Saramago, «uma democracia sequestrada».

Pouco a pouco vamos abandonando a política que se exauriu de sentido. Os cidadãos que ainda se preocupam procuram usar as suas vozes nas redes sociais, nos seus

grupos de influência, onde alimentam a ilusão de estarem a participar ativamente no processo político.

Contudo, e apesar de manietada, a democracia ainda é o único sistema que permite a isenção das instituições. Como tal, vale reiterar que nos regimes totalitários – como no período da ditadura militar brasileira ou na ditadura salazarista – não houve denúncias de corrupção e, obviamente, não foi por não ter existido.

Tamanho desalento tem permitido o ressurgimento da pior invenção europeia, o fascismo. Líderes fortes com discursos carismáticos de proteção dos interesses nacionais contra os invasores – imigrantes e refugiados – que nas suas óticas distorcidas só servem para aumentar a criminalidade e tirar postos de trabalho das já depauperadas economias. Paradoxalmente, são os apoiantes dos partidos e dos políticos fascistas que com mais fervor acreditam no sistema político apesar de desprezarem as regras democráticas.

Então, nesse meu regresso a Berlim, num primeiro momento fiquei assustada. Não por Berlim que se transformou numa cidade ainda mais fantástica, consciente

A CASA DA ANDRÉA

da sua importância para o mundo e que continua a expiar, com humildade, a sua culpa por uma tragédia de dimensões colossais. O que me apavorou foi ter sido confrontada com a violência das marcas de um passado ainda bastante próximo em contraponto com a crescente apetência pelo regresso aos regimes populistas. Tive medo.

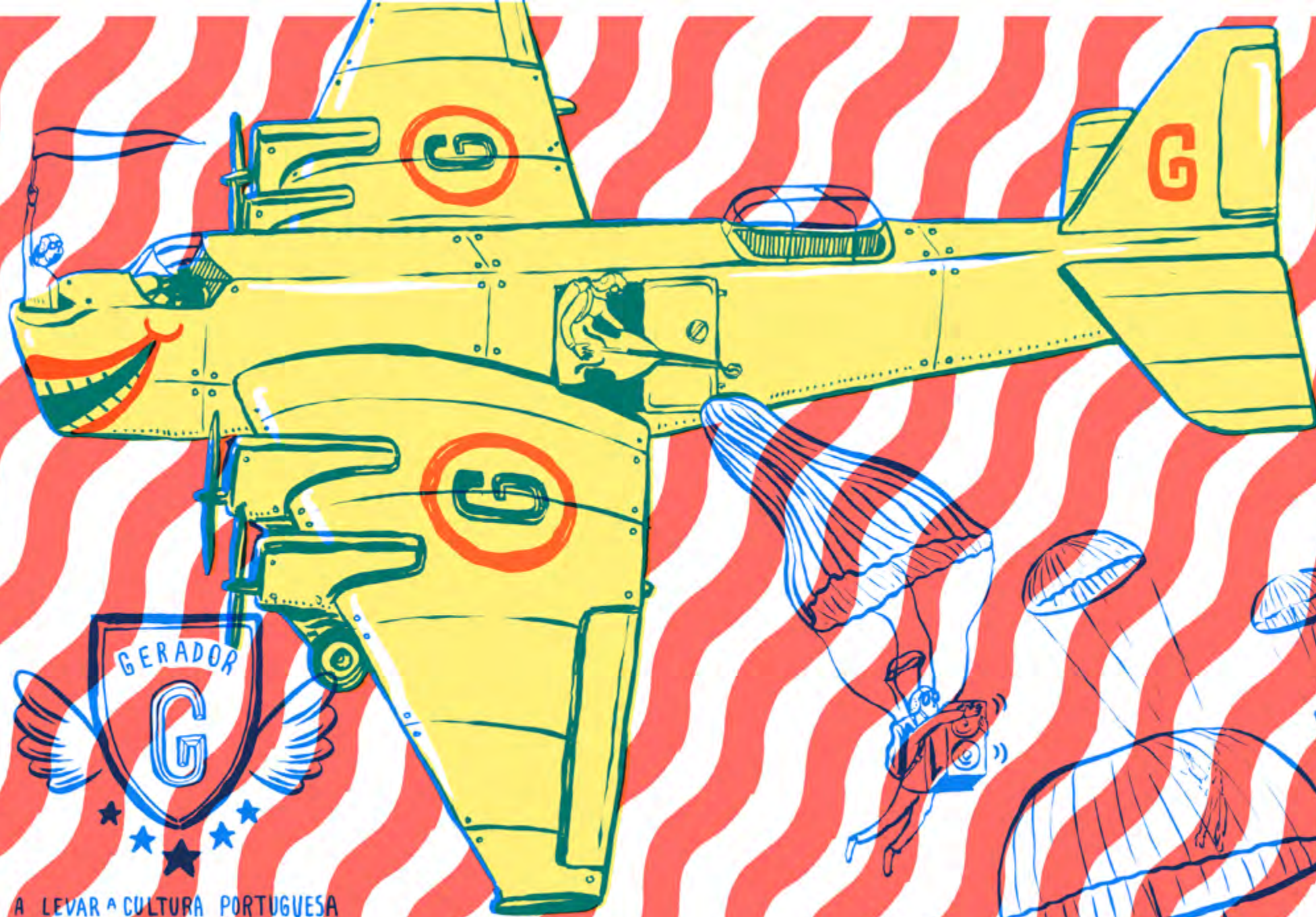
Em certa medida, é bom que o tenhamos. Berlim tem a virtude de nos deixar alerta para a fragilidade do nosso imperfeito sistema democrático. Desperta-nos os sentidos para nos precavermos contra as tiranias, ao mesmo tempo que nos preenche com a esperança de que tudo acabará bem se não tivermos medo de lutar. Sem esquecer o passado, a cidade pulsa com liberdade que transborda pelas suas avenidas. Tomar uma colheradas de Berlim «é ferro para o sangue e fósforo para os músculos» da democracia.

O LAGARTO

Um livro que une as palavras de **JOSÉ SARAMAGO**
e as xilogravuras de J. BORGES

Uma nova leitura
da crónica com
o mesmo título
escrita por
JOSÉ SARAMAGO
em 1972.





A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA
A TODO O LADO

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

Livros que for- mam

Livros infor- mativos na pri- meira infân- cia:

ANDREIA
BRITES

A literatura escondida

Logo no início da palestra, a segunda intervenção da tarde no auditório da ESE do Porto, Sara Reis da Silva levanta a questão sobre o título escolhido: serão livros informativos ou formativos aqueles que mostram à criança alguns elementos concretos ou conceitos básicos, durante a primeira infância? Se muitos se resumem a uma sequência de imagens sem outra função que a de estimular o reconhecimento de figuras representadas por fotografias ou ilustrações figurativas, outros combinam elementos que ampliam a sua função inicial. Sara Reis da Silva elenca três exemplos que trazem luz para uma relação com a leitura literária.

O primeiro deles consiste na apropriação de personagens da literatura como Pedrito Coelho, de Beatrix Potter, Elmer de David McKee ou a célebre lagartinha de Eric Carle. Estas figuras icónicas servem de modelo para a enunciação de conceitos, de ações, cores, animais ou objetos. O reconhecimento das personagens nestes livros cria uma teia de sentido que amplia a mera relação de identificação para um universo imaginário.

O segundo e o terceiro casos são portugueses e já não se encontram no mercado. A coleção Os Meus Primeiros Livros,

que Natércia Rocha escreveu e Maria Manuela Costa ilustrou para a Desabrochar na década de 1990, tratou temas do quotidiano da criança, impelindo-a a estabelecer uma relação com o mundo, através da sua própria experiência. *Os brinquedos*, *Na praia*, *As compras*, *No Jardim*, *A Visita aos Avós* e *A roupa* são títulos bastante elucidativos que logo colocam a criança perante um contexto espacial que muito provavelmente reconhecerá, mesmo que parcialmente. Para a situação, Natércia Rocha seleciona algumas cenas que se sucedem apresentando uma hipótese narrativa sem que conte uma história. Todavia, a conjugação das cenas, mesmo que sem um nexo de causalidade ou temporalidade direto, permite que aquilo a que Sara Reis da Silva chama de gramática narrativa precoce ecloda na leitura e seja ainda mais reforçada na releitura.

A coleção Foxi & Meg, da autoria de André Letria é o terceiro exemplo. Respeitando o pequeno formato, os cantos redondos e as folhas cartonadas, *Na Quinta*, *Opostos*, *Na praia* e *No Teatro* são quatro livros que, apesar da função informativa, que visa a identificação de objetos, comportamentos ou ações cria uma lógica espacial e até temporal. A estratégia muito reproduzida neste tipo de livros, que usa uma página para representar o elemento do concreto sem contexto e a

**A linguagem, que a
criança experimenta
e apreende antes
da língua, também
se manifesta no
reconhecimento
conceptual através
da imagem.**

página do lado integrando-o numa situação do quotidiano, é replicada com alguma subversão pelo ilustrador que transporta para esse contexto alguns detalhes narrativos. *No Teatro* é um caso paradigmático, já que os elementos aparecem no livro numa lógica que segue a experiência real do espectador desde que chega até que sai da sala, no final da peça. Mas desde logo há indícios visuais de que uma das personagens do livro e da coleção, será a atriz da peça.

O mercado

As escolhas de Sara Reis da Silva refletem uma ausência, por parte de autores portugueses, de criação nesta área do livro (in)formativo para a primeira infância. Apesar do *boom* do álbum, quase toda a produção nacional, mesmo as obras exclusivamente visuais, destinam-se a um público pré-leitor mais velho ou um público que se inicia na leitura. E quase toda a edição, com uma ou outra rara exceção, se revela narrativa ou poética.

A investigadora assinala essa tendência a par da edição de traduções que, de há uns anos para cá, inundam o mercado. Efetivamente, estes títulos de leitura mais informativa, que prescrevem a identificação de elementos caros ao quotidiana

no da criança, encontram-se facilmente em qualquer superfície que venda livros. A Civilização e a Porto Editora são dois exemplos de casas editoriais que, por caminhos distintos, decidiram apostar nesta área.

Todavia, é preciso destacar o papel da Edicare, em cujo catálogo se encontram várias coleções. Vira, combina e descobre; A minha..., ou A minha caixa são apenas os mais representativos. O que distingue a Edicare de outras editoras é precisamente o cuidado estético que os seus livros evidenciam, especialmente no que à ilustração e à tipografia diz respeito. Na coleção A minha... por exemplo, as palavras chegam por via do quotidiano do bebé, da sua roupa à papa ou da sesta ao banho. As páginas apresentam cores suaves no fundo e figuras mais vivas e contrastantes. Os objetos que se introduzem na página da esquerda dialogam com os da página da direita, estabelecendo relações metonímicas que se leem numa relação mais complexa com o mundo. Em *A minha roupa*, a páginas tantas deparamo-nos com as calças à esquerda, e uma menina vestida com uma saia à direita. Para as calças não há corpo. Desta forma cria-se um desequilíbrio problematizador que enriquece a leitura: todos usam calças e apenas as meninas usam saias, ou a menina tinha umas calças mas preferiu vestir uma saia. Não que se

**Os livros informativos
podem e devem almejar
uma interpretação mais
rica, assente justamente
na simplicidade da
composição de formas,
cores e no minimalismo
do escrito.**

espere que o bebê ou a criança teça tamanhos juízos, mas desta observação nasce pelo menos uma referência não formatada e artificial como tantas vezes acontece sem que os mediadores adultos disso se apercebam facilmente.

A subtileza inteligente

A questão da receção é fundamental para a formação leitora. A linguagem, que a criança experimenta e apreende antes da língua, também se manifesta no reconhecimento conceptual através da imagem. É aliás neste processo que tem lugar um momento essencial de abstração. Relacionar uma cadeira fotografada ou desenhada com toda a multiplicidade de cadeiras que existem na sua espacialidade implica precisamente essa associação entre um conceito e o seu referente. Aquilo que parece óbvio tem muitas implicações cognitivas. Nesse sentido, os livros informativos podem e devem almejar uma interpretação mais rica, assente justamente na simplicidade da composição de formas, cores e no minimalismo do escrito.

Em *Analisando Cores*, de Leo Lionni, editado em Portugal pela Kalandraka, é possível encontrar essa riqueza. Em primeiro lugar, trata-se de mais um caso de uma personagem

icónica da literatura infantil, o ratinho Frederico, transposta para um outro contexto. Em segundo lugar, as cores que se apresentam sem qualquer enunciação textual, encontram na natureza a sua representação: o azul no céu, o amarelo no pinto, o preto na cartola. Umas são mais evidentes, outras menos. Assim se promovem em simultâneo o reconhecimento e o estranhamento. Quando o leitor chega ao preto, já domina a lógica do livro e facilmente o reconhece, mesmo sem identificar a cor com o traje a rigor. Finalmente, a contaminação dos ratinhos pela cor do contexto pode derivar de um espaço, um animal, um objeto ou uma ação e, na última página dupla, a festa mostra cada rato com uma das cores previamente introduzidas. Para além do efeito de síntese, a reunião de todas as cores confronta-se com a unanimidade de cada uma nas páginas duplas anteriores, promovendo a diversidade e a multiplicidade de opções. Afinal, todos os ratinhos são originalmente idênticos, logo qualquer um deles pode assumir qualquer cor.

Quando a investigadora da Universidade do Minho discorreu sobre o assunto, promoveu junto de uma plateia de alunos de licenciatura e mestrado em Educação Básica e Pré-escolar uma leitura necessária de um tipo de livros muitas vezes ignorado.

and the winner is...

Ficção

A Child of Books

Sam Winston

Oliver Jeffers

Walker Books, UK

Esta narrativa sobre a literatura infantil leva, segundo o júri, o leitor a desejar ler, imaginar e escrever.

Não ficção

The wolves of Currumpaw

William Grill

Flying Eye, UK

O crescimento de Nova Iorque e a difícil relação com o meio natural envolvente revelam-se através de uma abordagem experimental.

New Horizons

La mujer de la guarda

Sara Bertrand

Alejandra Acosta

Babel Libros, Colômbia

Uma criança que perde a mãe persegue uma figura azul entre um quotidiano de saudade e tristeza e um universo onírico de espanto e esperança.

Opera Prima

The Museum of Me

Emma Lewis

Tate Publishing, UK

O que é um museu? A protagonista vai respondendo e questionando, à medida que recolhe elementos diretamente do seu quotidiano para um museu muito mais amplo e dinâmico que aqueles que visita.

Bologna

Ragazzi Awards





VISITA
GUIADA
ANDREIA
BRITES

Na mala do Sport Billy

Quando tocamos à campainha do prédio de escritórios, mesmo por cima da pastelaria Duquesa, em Matosinhos, não imaginamos que vamos encontrar uma sala tão pequena. Há estantes em todas as paredes e duas mesas. Ali estão Margarida Noronha, a editora da casa, e Patrícia, que trabalha na área comercial e administrativa. A própria disposição da sala não engana. Atrás de si há lombadas e lombadas de dossiers, preenchendo toda a parede, enquanto Margarida tem todos os livros do catálogo nas costas. As prateleiras, organiza-as segundo metodologias próprias, uma das quais a altura dos livros, como acontece com a coleção «Livros para Sonhar» que é idêntica em termos de formato e por isso está toda junta. Assim vai conseguindo encontrar o que procura quando é pre-

ciso. Reparamos então que há muitas lombadas com o título *A Lagartinha muito comilona*. Acontece que a estante não acolhe apenas um exemplar de cada título e sim um de cada edição. Margarida aproveita para nos mostrar as diferenças entre edições de *Onde vivem os Monstros*, de Maurice Sendak. Houve um conjunto de exigências progressivas por parte da agência internacional que representa o autor para uniformizar a imagem do livro em todo o mundo. Por isso, depois de se alterar ligeiramente o formato e as cores da capa e contracapa, na última edição o nome da editora desapareceu da capa. A estante começa a ser pequena para as vinte novidades anuais, às quais crescem outras tantas reedições.

A mesa de Margarida estava arrumada e des-

Um livro muito poético, muito português

congestionada quando chegámos mas a conversa vai trazendo livros que se acumulam. Olhamos em redor e reparamos em alguns peluches recostados no topo de uma terceira estante. Um deles é o tigrezinho de Janosch. Em casa há mais: uma lagartinha, uma toupeira e os monstros. É então que a editora se levanta para nos mostrar o patinho-tigre em madeira que comprou na Alemanha e os sapatos vermelhos dos *Pezinhos de Lã* que João Vaz de Carvalho criou em ilustração e que uma designer do Porto transformou numa peça tridimensional com pasta de papel. Ainda há outras preciosidades: um postal ilustrado e recortado que chegou do Brasil ou uma caixa de cartão que se revela como portefólio de apresentação de

um ilustrador. Na parede por trás de Patrícia, para compensar a frieza dos dossiers estão as dez molduras com as ilustrações que a Kalandraka imprimiu em postais para assinalar a primeira década de existência em 2002. Voltamos à estante para pesquisar se houve, entretanto, álbuns de novos ilustradores portugueses para além dos dez expostos: Catarina Sobral e Fátima Afonso. É então que Margarida anuncia: «Vamos ter outra.» E partilha um original de uma ilustradora portuguesa que a Kalandraka publicará a tempo da Feira do Livro. «É um livro muito poético, muito português.»

FOTOGRAFIAS DE JORGE SILVA















IX Prémio Internacional
COMPOSTELA
para álbuns ilustrados
2016

Uma última carta

ANTONIS PAPATHEODOULOU
IRIS SAMARTZI

Kalandraka







Neste livro ilustrado tudo é dual. Começando pela dupla de autores, que pela segunda vez se reúne numa narrativa em que a escuridão e a luz são tema, cenário, motivo, contexto. O tempo da juventude (representado pelo menino e pelos pirilampus novos, que ainda brilham) e o da velhice (do avô e dos pirivelhos que já não brilham) acompanham a rotação da terra e as alterações meteorológicas. A liberdade da floresta ladeia limites da gaiola dourada. Todavia, esta presença a par não se revela em nenhum momento antinómica e sim contígua, como a ilustração reitera. Não há igualmente nenhum processo dialético. Ondjaki persegue o valor da narrativa como elemento fundador da identidade e transpõe-no para uma fábula sobre o deslumbramento e o desejo de apropriação. Um menino observador e inventivo fica de tal forma fascinado com a luz dos pirilampus que encontra uma forma de os levar para perto da janela do seu quarto. A luz que provoca espanto tem também um segundo efeito para o protagonista, o de afastar o medo do escuro. Esta é a primeira parte da narrativa, até à revelação que alterará o rumo dos acontecimentos. A dualidade provoca movimento, progressão



e transformação. Acolhe o maravilhoso através das histórias dos pirivelhos ou dos diálogos entre Edison e o menino, tanto quanto o melancólico ritual de descascar laranjas, pelo avô. A ilustração e a palavra complementam-se, tendo a primeira a dupla missão de ilustrar o texto e a imagem da luz e da escuridão. Por isso reside justamente na abordagem de António Jorge Gonçalves a unidade poética desta história. Seja num plano geral, seja numa focalização aproximada de uma personagem ou objeto, o ilustrador não oferece mais do que sombras.

Contornos de árvores, da casa, do avô e do neto, das invenções do pequeno, preenchidas com uma cor que varia de acordo com o fundo, que por sua vez pode representar a noite, o dia, o céu limpo, nublado ou invadido por chuva e relâmpagos. Não há jogos de indução ou mistério. Segue-se o caminho da luz, e o que ela dá a ver e transforma, no clarão do relâmpago, no reflexo da água da chuva, na armadilha de pirilampus ou na explosão de cor que provocam em liberdade. Os pirilampus, motivo de toda a diegese, são aliás os únicos a merecer, ainda que num fundo escuro, uma descrição detalhada em vez de uma silhueta. Não é por acaso.

Este livro resulta do testemunho de um projeto criado pela bailarina e coreógrafa Sílvia Real e que resultou, depois de três anos, numa criação cénica que foi levada ao palco em vários teatros. Um DVD com várias representações acompanha o volume.

A sua origem conta-se brevemente: Sílvia Real começou a colaborar com a professora da filha, que frequentava o 1º ciclo na Escola da Graça da Voz do Operário, desenvolvendo momentos de dança, teatro e reflexão corporal e artística com o grupo ao longo de dois anos. A certa altura, e perante o final do 4º ano para aqueles alunos, a coreógrafa considerou a possibilidade de manter o projeto fora do âmbito da sala de aula e assim recuperou o antigo Teatro da Graça, agora renomeado Teatro da Voz. Aqui o projeto cresceu e da ideia de um trabalho coletivo em torno da expressão corporal e da dança chegou-se ao teatro, à música e à filosofia para crianças. É deste processo que o livro fala, com os contributos dos vários participantes, adultos e crianças. E processo é aqui a palavra-chave: o livro assume-se como antimanual no sentido em que renega, justificando toda e qualquer estratégia instrumental ou perscritiva. Nos

O que pode uma criança?
 Antimanual de educação para a
 arte e a cidadania
 No princípio era o erro:
 Antimanual de educação para a
 arte e a cidadania
 Isto é uma cocriação!: Um caso de
 educação cidadã através da arte
**Isto é uma cocriação!: antimanual
 de educação artística na infância**
 'Grupo 23: silêncio' e convidados

textos que se seguem à entrevista de Cláudia Galhós a Sílvia Real e Bruno Cochat, encenadores do espetáculo, e que introduz o projeto aos leitores, cada um expressa e fundamenta o modelo colaborativo como o grupo chegou a cada momento, e de como a interdisciplinaridade se foi dispondo na criação. O grupo de crianças, heterógeneo em idades, comportamentos e género, realizou diversas

experiências e exercícios por forma a refletir e aprofundar a consciência de si como corpo vivo, sensorial e pensante. O livro apresenta alguns apontamentos escritos e desenhados pelos participantes ao longo das sessões e descreve múltiplas situações que deram origem a mudanças. O erro como móbil criativo foi uma delas, outra foi a cena do sofá amarelo. Este antimanual de educação artística na infância deixa muitas questões, como sempre acontece quando se abre espaço para o imprevisível. Fazê-lo com método não será óbvio e obedece, como os autores deixam muito claro, a muitas dúvidas que, em conjunto, caminham para soluções e outras questões. O espetáculo, mais do que um produto, é um espelho onde todos se reveem dando-se a conhecer em devir.

***Era uma vez
um rei devoto,
um padre que
queria voar e
uma mulher
com poderes.***

saramaguiana

No dia 26 de março abre ao público, no Palácio Nacional de Mafra, a exposição «Memorial do Convento — Era uma vez um rei devoto, um padre que queria voar, e uma mulher com poderes», a partir do romance de José Saramago. Em 2017 comemoram-se os 300 anos da colocação da primeira pedra para a construção do Palácio de Mafra e também os 35 anos da publicação de *Memorial do Convento*. A *Blimunda* deste mês publica em primeira mão o texto do curador da exposição, Miguel Real, assim como algumas das imagens que podem ser vistas em Mafra até ao final de maio.

Memorial do Convento. Nos trinta e cinco anos da publicação de **Memorial do Convento**, de José Saramago, constata-se que terá sido um dos romances mais importantes publicados em Portugal no último quartel do século XX. Não só havia de alterar radicalmente a vida pública do seu autor, dando-lhe uma notoriedade internacional, como igualmente alteraria o horizonte da literatura portuguesa, libertando o romance de espartilhos clássicos, abrindo-o a uma liberdade criativa, de natureza estética, daí em diante seguida por inúmeros autores.

Memorial do Convento ostenta uma diferença entre a representação social visível nos manuais da disciplina de História e a desconstrução da mesma, evidenciando uma profunda reinterpretação e reflexão sobre a sociedade, forçando a necessidade da inquirição do leitor sobre um outro sentido para a História, menos obediente às interpretações elitistas e mais às concepções populares.

Memorial do Convento é atravessado por uma onda de lirismo, de otimismo científico e estético que dificilmente encontra paralelo no romance português contemporâneo, para a qual a entrega à Arte (Scarlatti), à Ciência (Bartolomeu de Gusmão) e ao Maravilhoso (Blimunda) se evidenciam como alternativas credíveis na opção pelo sentido de vida.

Memorial do Convento é um dos romances de Saramago em que se coloca com grande nitidez a questão da nova complexidade do estatuto do narrador, elemento de profunda originalidade da obra deste escritor, um narrador simultaneamente individual e coletivo, histórico e atual, espécie de voz singular da consciência e de voz da História, numa palavra, de vox populi.

Memorial do Convento ostenta uma galeria de personagens maravilhosas, singularmente diferentes da normalidade social, que encanta a mentalidade do

leitor, criando-lhe um otimismo existencial, uma vontade de enfrentar a vida como raramente se encontra no romance português, legando uma mensagem implícita, que repercute inconscientemente na mente do leitor: a necessidade de cada um construir a sua “passarola”, de possuir o seu “sonho” e de se ser diferente dos restantes para o cumprir.

Memorial do Convento caracteriza na figura de D. João V e da sua corte alguns dos males éticos de que padece a permanente elite portuguesa: a ostentação, a vaidade, o excesso, a ambição tola de imitação de modas estrangeiras, a indiferença para com o sofrimento das populações, a antiga repressão sobre a sexualidade do corpo feminino.

Memorial do Convento denuncia, em estilo irônico, sarcástico, até jocoso, o contexto sociopolítico megalómano dos costumes cortesãos do século XVIII e a mentalidade interesseira da corte, obviando a evidentes paralelismos com a atualidade.

Memorial do Convento expõe uma amplidão lexical como raramente se assiste no atual romance português, cruzando vocabulário erudito com popular, histórico com presente, abrindo então, em 1982, um novo horizonte no domínio plástico da língua.

Memorial do Convento enfatiza a necessidade de transgressão social para que a História progrida, enaltecendo a capacidade de ação comandada pelo sonho, pelo visionarismo, pela vontade de criação de um futuro diferente, no qual todos os homens sejam reis, e rainhas todas as mulheres. Finalmente, por todos estes motivos,

Memorial do Convento é um dos raros textos da literatura portuguesa que interpenetra de um modo admirável Vida e Literatura, Arte e Cidadania, Existência e Reflexão.

BIBLIOTECA NACIONAL — Leitura Geral / Periódicos
(A preencher pelo leitor)

Conf. Catálogo (A preencher pelos Serviços)

Lugar n.º 94

20130-146 P

EL CLAUDIO DA CONCEIÇÃO

ARINETE HISTÓRICA

ano/mês/número 1982

JOSE SARAMAGO

0.3.1982

Cartão n.º 5762

de senhas autorizado por dia: máximo de 12 em grupos de 3.
É permitido guardar para o dia seguinte, obras em consulta, por um período máximo de uma semana.
Mod. 425/A

INF. DOS DEPÓSITOS:

☐ Cota incompleta

☐ Cota errada

A consultar em

☐ Reprografia

☐ Encadernação

☐ Mau estado

☐ Falta desde

N.º volumes 1

Outras

Conf. 1

Fichas de consulta da Biblioteca Nacional de Lisboa

BIBLIOTECA NACIONAL — Leitura Geral / Periódicos
(A preencher pelo leitor)

Conf. Catálogo (A preencher pelos Serviços)

Lugar n.º 91

Cota HG 24067 P

Autor BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUIMARÃES

Título OBRAS DIVERSAS

Volume/ano/mês/número

INF. DOS DEPÓSITOS:

☐ Cota incompleta

☐ Cota errada

A consultar em

☐ Reprografia

☐ Encadernação

☐ Mau estado

☐ Falta desde

N.º volumes 1

Outras

Conf. 1

Nome JOSE SARAMAGO

Data 4-2-82

Cartão n.º 5762

BIBLIOTECA NACIONAL — Leitura Geral / Periódicos
(A preencher pelo leitor)

Conf. Catálogo (A preencher pelos Serviços)

Lugar n.º

Cota R. 25314 P

Autor PADRE MANUEL VELHO

Título CARTAS DIRECTIVAS E DOUTRINAS

Volume/ano/mês/número

INF. DOS DEPÓSITOS:

☐ Cota incompleta

☐ Cota errada

A consultar em

☐ Reprografia

☐ Encadernação

☐ Mau estado

☐ Falta desde

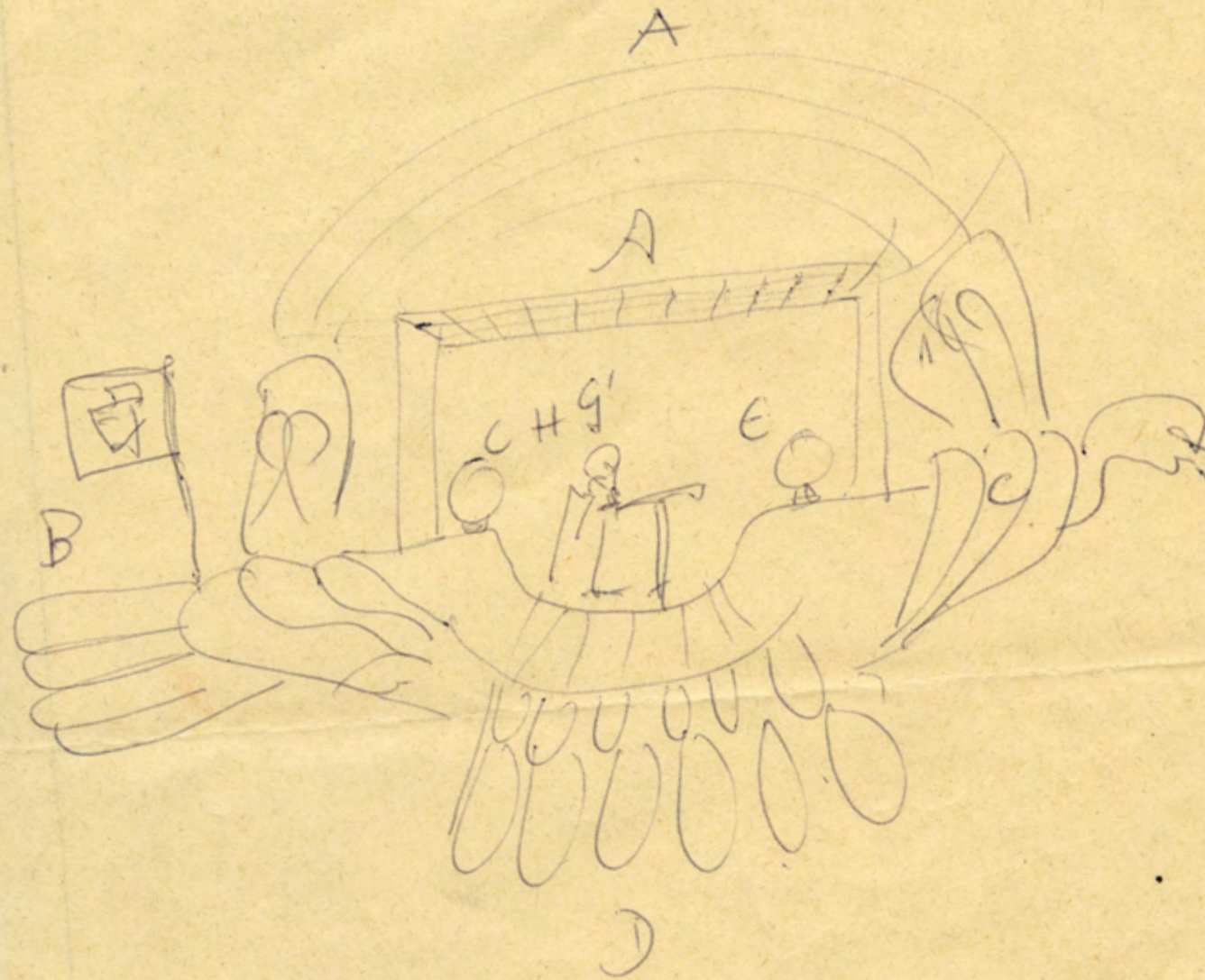
Nome JOSE SARAMAGO

Data 4-2-82

Cartão n.º 5762

de senhas autorizado por dia: máximo de 12 em grupos de 3.
É permitido guardar para o dia seguinte, obras em consulta, por um período máximo de uma semana.
Mod. 425/A

A Passarola

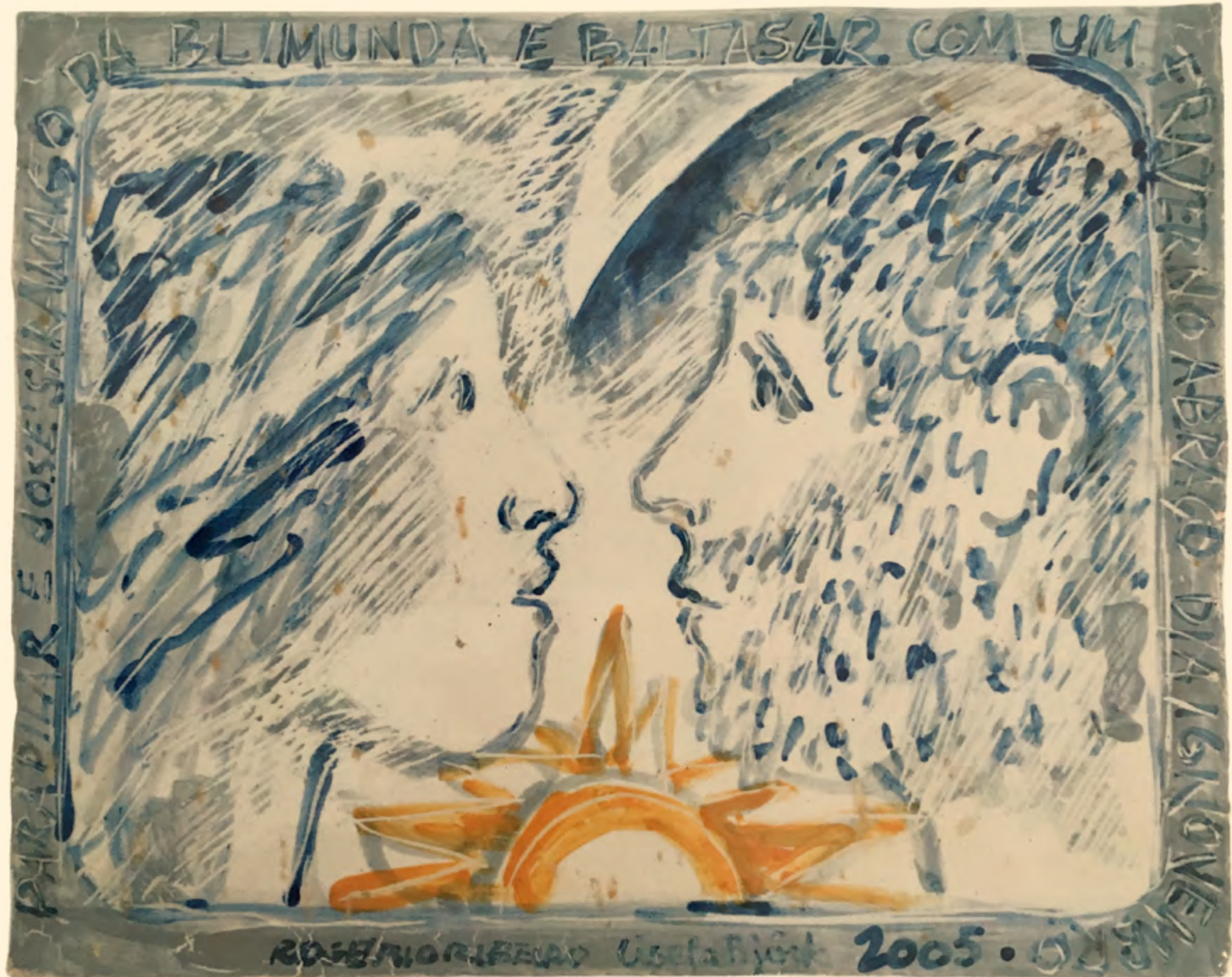


quadrilha, se o era, caso que não devemos estranhar, porquanto passava já então da meia-noite e a lua estava em seu minguante. Esbaforiram-se os frades a correr as cercanias, a passo de carga, e enfim regressaram ao convento, de mãos a ~~ab~~banar. Entretanto, outros religiosos, pensando que podia o ladrão, por fina astúcia, ter-se escondido na igreja, deram-lhe uma volta completa desde o coro à sacristia, e foi quando andavam neste alvoroçado esquadrinhar, toda a congregação atropelando sandálias e fraldas de hábito, levantando tampas de arcazes, arredando armários, sacudindo paramentos, que um frade velho, conhecido por virtuosa vida e brava religião, reparou que o altar de Santo António não fora tocado pelas gatunas mãos, apesar de ser nele abundantíssima a prata, rica de peso, lavor e pureza. Estranhou o pio homem, e estranharíamos nós se lá estivéssemos, porque, sendo manifesto que por aquela clarabóia de além entrou o ladrão e ao altar-mor foi roubar as lâmpadas, teve de passar diante da capela de Santo António que ao meio estava. Com mais do que razão se achou então o frade, inflamado em zelo, ao voltar-se para Santo António, increpando-o como a servo que descuidasse as suas obrigações, E vós, santo, só guardais a prata que vos toca, e deixais levar a outra, pois em paga disso não vos há-de ficar nenhuma, e ditas estas violentíssimas palavras, foi-se à capela e começou a despi-la toda, tirando não só as pratas, mas as toalhas e adornos, e não só à capela, mas também ao próprio santo, que viu levarem-lhe a auréola de tirar e pôr, e a cruz, e que ficaria sem Menino ao colo se outros religiosos não tivessem acudido, achando a punição excessiva e advertindo que o deixassem para consolação do pobre castigado. Meditou um pouco o frade na advertência, e rematou, Pois fique como seu fiador, enquanto não restituir o santo as lâmpadas. E como isto já era pelas duas depois da meia-noite, tempo gasto nas buscas e finalmente no recriminatório lance relatado, recolheram-se os frades e foram dormir, alguns temendo que viesse Santo António a tirar desforra do insulto.

Ao outro dia, aí pelas onze horas dele, bateu à portaria do convento um estudante, cujo convém dizer logo que desde há tempos andava pretendendo o hábito dela, e esta informação se dá, primeiro, por ser verdadeira e sempre servir a verdade para alguma coisa, e, segundo, para auxiliar quem se dedique a decifrar actos cruzados, ou palavras quando as houver, enfim, bateu o estudante à portaria e disse que queria falar ao prelado. Levaram-no à presença, beijou-lhe a mão

insubordinando-se contra as ordens de el-rei de que só pudessem falar nos conventos a seus pais, filhos, irmãos e parentes até segundo grau, com o que pretende sua majestade pôr cobro ao escândalo de que são causa os freiráticos, nobres e não nobres, que frequentam as esposas do Senhor e as deixam grávidas no tempo de uma ave-maria, que o faça D. João V, só lhe fica bem, mas não um joão-qualquer ou um josé-ninguém. Acudiu o provincial da Graça, querendo reduzi-las ao sossego e ao acatamento da real vontade, sob pena de excomunhão se a quebrassem, mas elas num rompante se amotinaram, trezentas mulheres catolicamente enfurecidas por assim as cortarem do mundo, primeira vez o fizeram, segunda vez tornam, agora se verá como forçam portas frágeis mãos femininas, e já saem as freiras, trazem consigo violentamente a madre priora, vêm com sua cruz alçada, em procissão pela rua fora, até que ao encontro lhes sai a comunidade dos frades da Graça e lhe rogam que, pelas Cinco Chagas, detenham o motim, e aí temos armado um santo colóquio entre frades e freiras, disputando cada qual suas razões, e foi ele o caso que correu o corregedor do crime a el-rei, se havia ou não de suspender-se a ordem, e entre ir, chegar e debater o sucesso se passou a manhã, que, para começar-lhes o dia cedo, de madrugada se tinham levantado as protestativas, e enquanto o corregedor não volta, corregedor vai, corregedor vem, ficaram por ali as freiras, sentadinhas no chão natural as mais vetustas, alertas e vivíssimas as da última safra, a apanhar o bom solzinho da estação que faz subir os corações, olhando quem ia de passagem e por curiosidade parava, que pratos destes não os temos todos os dias, e conversando com quem bem apetecia, em modo de ali se terem fortalecido laços com proibidos visitantes que sabendo acorreram, e em acordos, requebros, horas combinadas, palavras de passe, sinais de dedos ou lençinho foi correndo o tempo até ao meio-dia, e porque enfim estava o corpo querendo alimento, ali mesmo comeram dos empadas leva, e ao cabo desta manifestação chegou as que traziam nos alforges, quem vai à guerra contra-ordem do paço, que tudo voltava a moralidade primeira, posto o que recolheram vitoriosas as freiras a Santa Mónica entoando jubilosos cantos, ainda por cima consoladas com a absolvição do provincial que a mandou por portador, não em pessoa, porque bem podia apanhá-lo uma bala perdida, que isto de freiras amotinadas é a pior das batalhas. Metem, quantas vezes forçadamente, estas mulheres em reclusão con-

Blimunda e Baltazar, cerâmica de Rogério Ribeiro, 2005





Cheiro a alecrim óleo sobre tela, José Santa-Bárbara, 2001



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org



Prémio Nobel
de Literatura

JOSÉ SARAMAGO



Disponíveis
em fevereiro

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



março

Jane Eyre: Uma autobiografia **Até 26 Mar**

Com encenação de Carme Portaceli, sobe ao palco um espectáculo baseado na novela homónima de Charlotte Brontë. Barcelona, Teatre Lliure Gràcia.



Los Lobos de Currumpaw **Até 26 Mar**

Exposição das imagens originais que compõe o livro homónimo de William Grill, distinguido com o prémio da Feira Infantil de Bolonha de 2017 para o melhor livro de não-ficção. Madrid, Livraria Pantha Rei.



Mário Cesariny de Cor e Salteado **Até 16 Abr**

Exposição que reúne mais de três dezenas de obras de arte pertencentes à colecção de Mário Cesariny. Lisboa, Centro Cultural de Belém.



Rio De Versos **Até 17 Abr**

Exposição de poesia visual que reúne contribuições de poetas de vinte e sete países, com uma programação paralela marcada pelo teatro, os debates e a performance. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil.



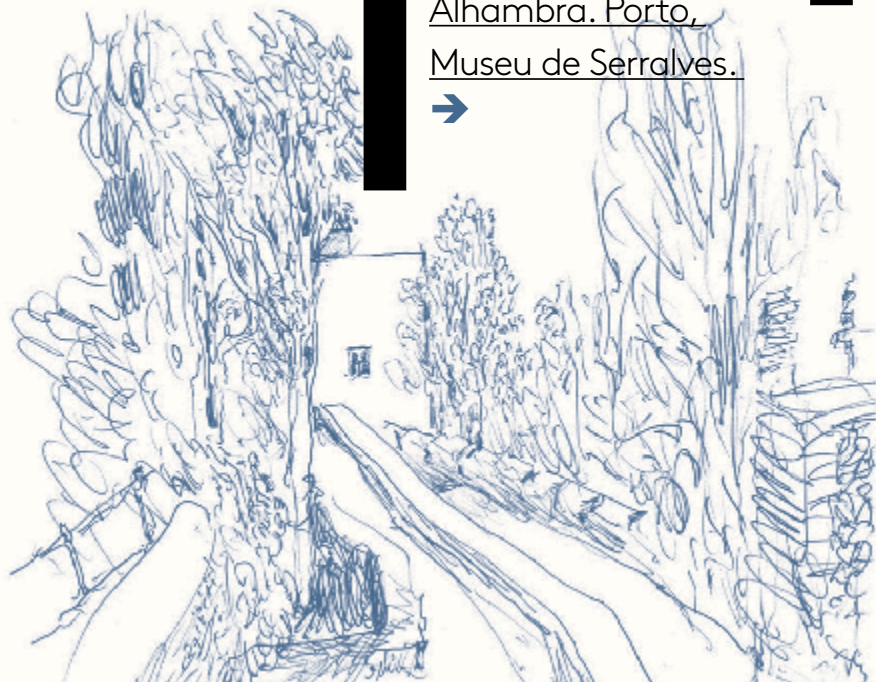
DADA Zúrich **Até 30 Abr**

Quando passam 101 anos sobre a abertura do Cabaret Voltaire, esta exposição dá a ver as muitas facetas do movimento DADA. México DF, Casa Estúdio Luís Barragán.



Francis Bacon. La cuestión del dibujo Até 21 Mai

Exposição que reúne
cerca de meia centena
de desenhos do artista
que, durante alguns
anos, se acreditou que
não desenhava.
Madrid, Círculo de
Bellas Artes.



Álvaro Siza: Visões da Alhambra Até 28 Mai

Esboços, maquetes,
desenhos, filmes e
vários materiais que
acompanharam o
trabalho de Siza Vieira
em 2011, durante a
criação do projeto
para o complexo de
Alhambra. Porto,
Museu de Serralves.



março

As Criadas 25 a 26 Mar

A partir do texto de
Jean Genet, Marco
Martins cria um
espectáculo que
reflete sobre a
liberdade e sobre o
confronto do indivíduo
com a autoridade.
Viseu, Teatro Viriato.



A Ilha Desconhecida 25 a 27 Mar

Adaptação do conto
homónimo de José
Saramago, este
espectáculo teatral e
musical foi criado pelo
Trigo Limpo teatro
ACERT em parceria
com a Fundação
Saramago.
Tondela, ACERT.



Terça-Feira: Tudo o que é sólido dissolve-se 29 Mar a 1 Abr

Um espectáculo
de dança cuja
narrativa se cria a
partir da influência
dos programas de
Vasco Granja e,
concretamente, do
trabalho de Osvaldo
Cavandoli.
Lisboa, Teatro Maria
Matos.



Cuidado, Caim, falas de mais, o senhor está a ouvir-te e tarde ou cedo te castigará, O senhor não ouve, o senhor é surdo, por toda a parte se lhe levantam súplicas, são pobres, infelizes, desgraçados, todos a implorar o remédio que o mundo lhes negou, e o senhor vira-lhes as costas, começou por fazer uma aliança com os hebreus e agora fez um pacto com o diabo, para isto não valia a pena haver deus.

José Saramago, *Caim*